

BREVE APROXIMAÇÃO SOCIOLÓGICA DA PRODUÇÃO SOBRE RELIGIÃO NO PPGA/UFPE

Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros¹
Roberta Bivar Carneiro Campos²

Resumo: Em Pernambuco, a Antropologia desenvolveu-se a partir do interesse da Psiquiatria pelas religiões afro-brasileiras e de sua articulação com a ação reguladora do Estado Novo que se constituiu no chamado “controle científico”. Destacaram-se, nas décadas de trinta e quarenta do século passado, os psiquiatras do Serviço de Higiene Mental (SHM), nomes como de Ulysses Pernambucano de Melo, Albino Gonçalves Fernandes e René Ribeiro, sem esquecermos a importância da publicação de *Casa Grande e Senzala* em 1933 e a aliança intelectual entre seu renomado autor, Gilberto Freyre, e a antropologia americana, com destaque para Melville Herskovitz. Origem que reflete compromisso em tornar mais aceitáveis socialmente e livres da repressão do Estado Novo os pais e mães-de-santo e suas casas de culto. Fundado em 1977, sob a coordenação de Roberto Motta, o PPGA da UFPE terá sua primeira leva de dissertações de mestrado com a temática religiosa na década de 80, entre 1983 e 1988, com especial ênfase nos fatores sociais e econômicos envolvidos no fenômeno religioso, refletindo aí o contexto político nacional. A produção de dissertações deste PPGA apresentou desde a sua fundação uma abertura expressiva para as mais diversas religiões, diversidade que se estendeu às regiões do país e à combinação dos aportes teóricos, tanto sociológicos como antropológicos.

Palavras-chave: história da antropologia, religião e sociedade, Universidade Federal de Pernambuco.

Abstract: In a general way, Anthropology in Pernambuco developed itself from the scientific interest of Psychiatry for the African-Brazilian religions and its articulation with the regulative action of the *New State* (Estado Novo), which established the

¹ Professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Pernambuco.

² Professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Pernambuco.

so-called “scientific control”. In Pernambuco, during the last century thirties and forties, some psychiatrists of the Mental Health Service (MHS) like Ulysses Pernambucano de Mello, Albino Gonçalves Fernandes and René Ribeiro were among those who were engaged to make the fathers and mothers of saints along with their houses of cults more socially acceptable and also, free of the New State repression. Moreover, it is remarkable the influence of the publishing of *Masters and Slaves (Casa Grande & Senzala)* in 1933, and the intellectual alliance between Gilberto Freyre and Melville Herskovitz. Founded in 1977, under the coordination of Roberto Motta, the Anthropology Post-Graduation Program had its first ensemble of master dissertations concerning religion in the eighties, between 1983 and 1988, with a defense each year. The production of dissertations in the Anthropology Post-Graduation Program at the UFPE has, since the Program foundation, displayed an expressive opening to the most different religions, a diversity also shown when concerning the regions of the country and the theoretical approaches used, both sociological and anthropological.

Keywords: history of anthropology, religion and society, Universidade Federal de Pernambuco.

Impossível ainda analisar teses de doutorado, porque só no final de 2005 e início de 2006 é que se iniciaram as defesas da primeira turma. Portanto, as informações e reflexões aqui postas desenvolvem-se e concentram-se na produção das dissertações de Mestrado. Dentre estas, as que trataram o tema *religião* foram defendidas a partir de 1983, cinco anos após o início da Pós-Graduação em Antropologia, na UFPE.

Realizar um ensaio bibliográfico concernente à produção antropológica sobre religiões no Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE, nos obriga a comentar as raízes da própria Antropologia em Pernambuco.

De modo geral, em Pernambuco a Antropologia desenvolveu-se a partir do interesse da Psiquiatria pelas religiões afro-brasileiras e de sua articulação com a ação reguladora do Estado Novo que se constituiu um chamado “controle científico”. Em Pernambuco, destacaram-se, nas décadas de trinta e quarenta do século passado, os psiquiatras do Serviço de Higiene Mental (SHM), nomes como de Ulysses Pernambucano de Mello, Albino Gonçalves Fernandes e René Ribeiro, comprometidos em tornar mais aceitáveis socialmente e livres da repressão do Estado Novo os pais e mães-de-santo e suas casas de culto.

Nota-se aqui também a importância da publicação de *Casa-Grande e Senzala* em 1933, que ressalta a contribuição dos africanos e seus descendentes na formação da sociedade brasileira. O trabalho de Freyre significou a retomada dos estudos de Nina Rodrigues sobre o negro, de alguma forma silenciados até então,³ renovando e incentivando a investigação da cultura africana no Brasil.

É nesse clima intelectual e político que ocorre o I Congresso Afro-brasileiro, organizado e incentivado, em 1934, no Recife, por Gilberto Freyre e Ulysses Pernambucano de Mello. A religião neste contexto intelectual é acesso à cultura afro, que por sua vez motepara a questão do negro no Estado Nacional Brasileiro. O II Congresso foi levado para Salvador por Nelson Carneiro e, em seguida, sobreveio a proibição de reuniões sobre estatística, no tempo em que perdurou o período da ditadura getulista.

As pesquisas que surgiram em Pernambuco dentro deste âmbito se caracterizaram pelo estilo monográfico, com forte ênfase na exegese dos conteúdos cosmológicos das religiões afro-brasileiras. Os candomblés e xangôs eram religiões consideradas exóticas que precisavam ser traduzidas, compreendidas por dentro. Neste sentido, podemos dizer que o forte diálogo travado com a Escola Americana de Antropologia Boasian já se fazia sentir. Diálogo certamente estabelecido através de Gilberto Freyre, aluno de Franz Boas. Este contato se estenderá a Melville Herskovitz que, através de Gilberto Freyre, estabelecerá estreito diálogo com Albino Gonçalves Fernandes e René Ribeiro. Mas é René Ribeiro que ganha a bolsa para fazer sua formação antropológica nos Estados Unidos, sob orientação de Herskovitz, e quem a partir de então se tornará um dos membros fundadores do PPGA da UFPE em Pernambuco.

Destaca-se ainda a presença da influência da Antropologia americana no coordenador fundador deste programa de pós-graduação em Antropologia, renomado pesquisador de religiões afro-brasileiras: Roberto Motta, orientado por Robert Murphy, na Columbia University.

Fundado em 1977, sob a coordenação de Roberto Motta, o PPGA terá sua primeira leva de dissertações de mestrado com a temática religiosa na década de 80, entre 1983 e 1988, com praticamente uma defesa por ano.

³ Arthur Ramos comentou sobre esse período como sendo a “conspiração do silêncio”.



temática que se filia mais ao aporte sociológico ou à lógica social, mais que ao cultural. Tal temática é a afiliação religiosa e sua relação com as questões relativas às estruturas sociais e processos sociais, como migração e as forças sociais e econômicas inerentes às condições materiais de existência. A afiliação religiosa é também abordada como problema, a partir das suas conseqüências em termos sociais e ideológicos.

As razões para tanto podem estar localizadas na forte influência da abordagem marxista presente nos programas de Antropologia e Sociologia da UFPE na década de 70-80, que se fortaleceu através de novas alianças, a nível nacional, entre estes programas e o Museu Nacional, através dos pesquisadores Moacir Palmeira e José Sergio Leite Lopes, interessados nas relações de trabalho, nas transformações no campo, na situação do trabalhador rural e do campesinato em Pernambuco. Esta aliança com o Museu Nacional, em pesquisas sobre camponeses e operários em Pernambuco, certamente trouxe novas temáticas e adesões teóricas para o cenário local. Por exemplo, as pesquisas sobre religião, com viés culturalista, passaram a concorrer com investigações sobre classes sociais e incorporar a interpretação marxista na formulação de seus objetos de pesquisa.

Nota-se ainda a forte influência que o próprio Roberto Motta sofreu do materialismo cultural através de Robert Murphy e Robert Lowie. Sem que esqueçamos ainda que a adesão ao marxismo pode estar relacionada ao clima político por que passava o Brasil: a ditadura militar e a reação armada e não armada a ela, nas cidades e no campo, acrescentando-se oposição ao regime nas universidades, entre professores e alunos.

Além disso, destacam-se três dissertações que se configuram propriamente através da chave *cultura*, tendo os rituais, as crenças e a festa como os conceitos e categorias eleitos na abordagem do fenômeno religioso. São as dissertações: *O Palácio de Juramidã Santo Daime: um ritual de transcendência e despoluição* de Clodomir Monteiro da Silva, orientada por Roberto Motta; *Nossa Senhora do Carmo do Recife: a brilhante Senhora dos muitos rostos e sua Festa*, de Bartolomeu Figueirôa de Medeiros, também orientada por Roberto Motta. A terceira delas é uma dissertação sobre a Assembléia de Deus, *Transe ou Transa*, de Hulda Helena Stadler, orientada por Judith Hoffnagel. Há

ainda que se comentar que as dissertações de Stadler e de Monteiro da Silva combinam aporte antropológico – a exegese da cosmovisão, salientando rituais, crenças como categorias – com uma abordagem também sociológica, relacionando o fenômeno religioso aos processos e estruturas sociais mais amplos. A dissertação de Clodomir Monteiro da Silva foi, talvez o primeiro trabalho sobre o Santo Daime a nível nacional, objeto, na época, ainda relativamente novo dentro do campo de estudos da Antropologia; sem dúvida uma das primeiras pesquisas sobre a ayahuasca, bem antes de esta se ter tornado uma das “manias de brasileiros”.

Portanto, as dissertações sobre religião, no primeiro decênio, retratando uma variedade de procedências, talvez possam assinalar uma vocação do PPGA para uma abrangência inter-regional ou mesmo nacional. A variedade das tradições religiosas estudadas, bem como das temáticas a elas conexas, contrastam, como vimos, com a formação da maioria dos “antropólogos da religião” dos primeiros tempos do Programa. De fato, dos seis doutores ou mestres das primeiras horas que orientaram temas de Religião, três pesquisaram os cultos afro-brasileiros do Recife, sobretudo o *Xangô*,⁴ em suas teses (René Ribeiro, Roberto Motta e Maria do Carmo Brandão); um defendeu tese sobre o protestantismo pentecostal (Judith Hofnagel). Era de se esperar que a produção refletisse prioritariamente a dimensão de matriz africana presente no campo religioso do Recife, mas tal não sucedeu.

Poder-se-ia falar, no caso, que os primeiros doutores e mestres do Programa acima elencados não formaram “escolas”, no sentido de respeitar a inclinação do alunado quanto à escolha do tema para pesquisa, ao invés de especializar mais os estudos sobre religião, canalizando-os para temas afro-brasileiros? Tudo indica que apostaram num amplo espectro de assuntos e temáticas, tendo se constituído num núcleo de pesquisas, ao qual denominaram *Núcleo de Religiões Populares* – aliás, o Núcleo de Pesquisas fundador do Programa.

⁴ É assim que se chama a tradição iorubá-nagô no Recife. Atualmente, por conta de babás e iás que têm feito refundamentos em terreiros baianos, está se introduzindo o nome *Candomblé*, por influência das casas de culto daquele estado.

Na década que se segue – anos 90 a 2000 –, a periodicidade das defesas se intensifica, da mesma forma que a diversidade de objetos, com novas temáticas. É certamente uma geração de dissertações que é marcada pela multiplicidade de objetos, trabalhados em interfaces com outras subtemáticas como: gênero, cura, cultura popular, identidade, etc. Mas dentro de novidades há continuidades, representadas por dissertações sobre catolicismo, festas e afiliação religiosa, sendo agora esta última matizada por questões de poder, gênero e cura.

Nesta geração, a produção de teses sobre religiões afro-brasileiras se consolida como temática de pesquisado Programa, sob orientações sobretudo dos pesquisadores Roberto Motta e Maria do Carmo Brandão, destacando-se a interface com gênero, cura, parentesco, poder, patrimônio cultural, cultura popular, e, mais para o final da década, a questão do negro. Estaríamos aqui de volta à origem da Antropologia em Pernambuco.

Detalhando mais como os estudos sobre religião nesta década farão interface com as mais diversas temáticas, temos os seguintes assuntos novos, com orientadores que nem sempre são os do Núcleo de Religiões: *A Fala do Médium e do Doutor: a construção histórica do discurso médico e umbandista*, de Moab D. Acioli, sob a orientação da Prof.^a Danielle Perin R. Pitta, do Núcleo do Imaginário, estudo no qual os discursos médico profissional e do curandeiro umbandista são analisados a partir da mediação simbólica dos mesmos, como embates na busca da hegemonia, dos mecanismos de persuasão e de adaptação sociocultural. Em seguida, na ordem do tempo, temos a primeira dissertação sobre Judaísmo e identidade em Pernambuco, defendida por Tânia Kaufman; continuam as pesquisas sobre religião e sintomatologia nos cultos afro-brasileiros, reassumindo e recontextualizando a tese de René Ribeiro e a argumentação dos demais “médicos antropólogos” da chamada “Escola do Recife”, que refutaram a pretensa correlação direta entre doença mental e a prática religiosa do xangô/candomblé e umbanda.

Aliás, nesta década se firma uma outra característica da história do nosso Programa: se este teve seu início marcado pela atuação dos médicos psiquiatras que se tomaram antropólogos – conforme vimos acima –, a procura destes profissionais e dos da Psicologia pelo nosso Mestrado, intensificada nos anos

90, parece seguir a tendência hegemônica nas origens da chamada “Escola do Recife”: a de adequar os conhecimentos advindos das ciências do comportamento humano aos produzidos pelo enfoque e influência culturais, presentes neste mesmo comportamento e nele influentes.

Outras tendências que se anunciam e vieram paraficar: a primeira, religião e patrimônio cultural, interface estudada através dos arranjos barrocos multi-étnicos e multiculturais atuantes na tricentenária festa de Nossa Senhora dos Prazeres, na Região Metropolitana do Recife – dissertação defendida pelo Dr. Alexandre Fernandes Correa, hoje docente na UFMA e um dos pioneiros na construção do pensamento antropológico brasileiro sobre as questões de patrimônio cultural – as outras: religião, relações entre parentesco sagrado e profano e relações de poder em cultos afro-brasileiros.

Destacamos, igualmente, o início dos estudos sobre os rituais e o uso da jurema, bebida sagrada, comum aos torés indígenas, à umbanda e aos xangôs do Recife, com o trabalho apresentado por Clélia Moreira Pinto, com orientação de Maria do Carmo Brandão. A década termina com dissertações diversas sobre religiões afro-brasileiras – uma enfocando as transitividades homossexuais naquele contexto religioso, de autoria de Felipe Rios do Nascimento; outra abordando o quadro religioso complexo de uma cidade do interior alagoano, de Ulisses Raphael de Menezes; duas trabalham o espiritismo kardecista e outra aborda uma das religiões chinesas no Brasil, dentro da tendência orientalista: a Soka Gatai. Ainda no apagar das luzes dos anos noventa, tem início novo enfoque: religiões em interfaces com cultura popular. Todas são temáticas que se consolidarão no programa, destacando-se por seu pioneirismo.

Sobre as produções relacionadas à religião e cultura popular, destacam-se as orientações de Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros, já após a virada do século: o trabalho de José Artur Tavares de Brito sobre as Romarias da Terra no sertão pernambucano, a dissertação de Helena Tenderinni “Na Pisada do Galope...”, estudando o folguedo do Cavalo Marinho, que inclui o estudo de “figuras” de alta densidade religiosa, inseridas no decurso da brincadeira; um outro trabalho que mostra de modo eloqüente o cruzamento da brincadeira com comportamentos marcados pelo ascetismo em pleno carnaval foi a dissertação de Sêrvia Sumaia Vieira sobre o maracatu de orquestra, ou de baque solto, ou ainda chamado maracatu rural.

Ao lado destes objetos interfacetados, temos ainda dissertações tendo por foco o fenômeno religioso em si mesmo e suas questões internas representadas pelas dissertações sobre religião católica e morte, de Mísia Lins. Há ainda aquelas que abordaram o fenômeno religioso tendo por norte a questão do mercado religioso, temática em voga nesta época no campo de investigação sócio-antropológica, dando continuidade, por outro lado, à questão da afiliação religiosa já presente na primeira geração de dissertações. Dentro destas, temos uma das primeiras dissertações sobre a IURD em âmbito nacional: *Emoção, Magia, Ética e Racionalização: as múltiplas faces da Igreja Universal do Reino de Deus*, de autoria de Roberta Bivar Carneiro Campos. Nota-se nesta dissertação também a combinação de aportes sociológicos e antropológicos. Combinação que Paula Montero (1999) destaca como tendência promissora para a renovação no modo de pensar as religiões no Brasil, o que está presente nos trabalhos de Cecília Mariz e Wilson Gomes na década de noventa. É importante, então, salientar a influência de Cecília Mariz nesse trabalho, quando de sua presença na UFPE.

Na geração seguinte, década ainda não fechada – anos 2000 a 2005 –, percebemos mais continuidades que novidades. Algumas temáticas se consolidam e outras se desdobram em “outras” antropologias. A forte interface com os estudos de etnicidade vão multifacetar os estudos da religião afro com questões de identidade afro, de povos indígenas da Amazônia e de Pernambuco, quilombolas e escravidos, expressos nas pesquisas de Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros e de algumas orientações, como a do trabalho de Nilton César de Paula sobre a ação pastoral da Igreja Católica e suas repercussões entre os povos indígenas do Alto Rio Negro, e orientações de Maria do Carmo Brandão, cruzando Tambor de Mina do Maranhão com o prestígio feminino (trabalho de Cláudia Rejane M. Gouveia), uma etnografia da tradição minano Pará (dissertação de Taíssa Tavernard de Luca), e religião e consciência de negritude em grupo afro-brasileiro no Ceará, pesquisa de Ana Cláudia Rodrigues.

Como continuidade, temos o tema cruzado de religião e gênero, que se antes era marcado nos objetos de estudo afro-brasileiros, agora se estenderá com mais vigor ao catolicismo, como na dissertação de Guilhermina D’Arc sobre a liderança feminina em grupos da Renovação Carismática Católica no

Recife. As temáticas de religião e cura, antes estudadas mais marcadamente no afro-brasileiro, se estenderão ao neopentecostalismo, como na pesquisa sobre cura na IURD de Eduardo Henrique de Gusmão, ambas as últimas orientadas por Bartolomeu Tito; as religiões que eram, nos anos 80, genericamente denominadas de “Nova Era”, agora são analisadas com uma nomenclatura mais detalhada, como a pesquisa sobre a Wicca, religião neopagã. O Judaísmo se consolida com quatro temas defendidos neste período, sob a orientação da professora visitante, Dra. Tânia Kaufman, fundadora do Centro Cultural Judaico na cidade do Recife, o qual funciona no prédio restaurado da primeira sinagoga erguida no Continente Americano.

Por outro lado, como novidade, observa-se a questão do *ethos* protestante e cultura brasileira, destacando-se as dissertações de Cristhiany Moraes de Queiroz, sobre o cisma na Igreja Anglicana em Recife, denominação religiosa pouco etnografada pela Antropologia brasileira, orientada por Roberta Bivar Carneiro Campos e a dissertação de Rosa Maria de Aquino sobre música na Igreja Presbiteriana, tendo como questão de fundo a ação de “branqueamento” nestes cultos. Nota-se também a diversidade das pesquisas em termos do campo religioso afro nos mais diversos estados do Brasil (Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Ceará, Pará, Maranhão, etc.) e um forte interesse pela organização religiosa afro-brasileira e sua relação com o seu recrudescimento e expansão, em diversas dissertações orientadas por Roberto Motta.

Para fechar, mas sem concluir, o que percebemos é que a produção de dissertações no PPGAdA UFPE apresentou desde a sua fundação uma abertura expressiva para as mais diversas religiões, diversidade que se estendeu às regiões do país e aos aportes teóricos, tanto sociológicos como antropológicos. Se, por um lado, não houve a formação de uma “escola”, por outro a produção deste programa representou desde o início uma forte sintonia com a dinâmica do campo religioso brasileiro e com os processos sociais mais amplos. Neste sentido, as questões ligadas a *gênero*, *cura* e, mais destacadamente, à questão do negro e das religiões de matriz africana, presentes nas dissertações do PPGAdA UFPE, expressam as demandas sociais atuantes na sociedade de hoje. De forma que tal produção acadêmica indica que a religião é ainda o canal simbólico pelo qual processos sociais se manifestam e ganham força social.

REFERÊNCIA

MONTERO, Paula. Religiões e dilemas da sociedade brasileira. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)* – Antropologia. São Paulo: Editora Sumaré, ANPOCS-CAPES, 1999, v. 1.

Recebido em 16/12/2006.

